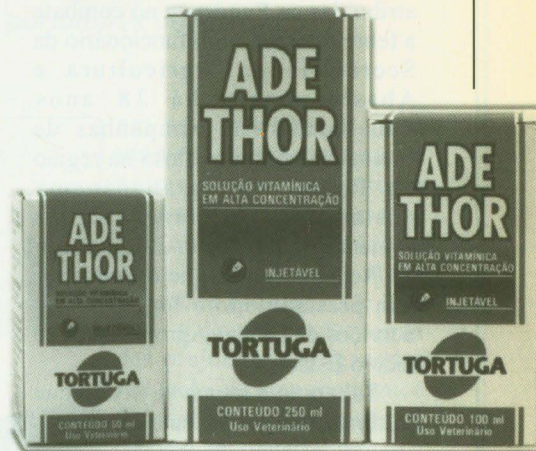


## Vitaminas ADE

# Sua importância para os bovinos

*É no inverno que o uso delas é imprescindível para manter o gado em bom estado de saúde. Elas fazem com que o organismo aproveite melhor os pastos secos.*



*Adethor: ideal em todas as situações em que possam existir deficiências ou em que seja recomendada a suplementação das vitaminas ADE.*

Um dos aspectos nutricionais bastante negligenciados na alimentação dos bovinos refere-se às vitaminas, principalmente as do grupo ADE. Essa negligência é ainda mais grave quando se leva em conta que os bovinos sintetizam todas as outras vitaminas por meio da flora do seu rúmen, menos as ADE.

A vitamina A é sintetizada pelos animais e tem como precursores os carotenos, que são pigmentos presentes nas plantas verdes e frescas, nas raízes e em alguns tubérculos. No entanto, fenos e silagens perdem a

maior parte dos carotenos presentes na planta verde. O feno curado ao sol pode perder quase todos os carotenos quando exposto à luz solar intensa ou sob chuva torrencial.

Os processos de fermentação pelos quais passam as silagens podem destruir os carotenos, principalmente se a planta foi picada em pedaços muito pequenos. A disponibilidade do caroteno também fica muito reduzida se o milho estava muito maduro quando foi ensilado.

Os carotenos dos alimentos não atingem a exigência do gado para um bom desempenho. Vacas de alta produção, por si só, são fortes candidatas a deficiência de vitamina A. Além de precursor da vitamina A, o caroteno também possui funções específicas no ciclo reprodutivo das vacas. Novilhas e vacas alimentadas com baixos níveis de caroteno tem sérios problemas reprodutivos.

A vitamina A também é essencial para a formação e função das células epiteliais, visão, resistência às doenças, crescimento, fertilidade, formação óssea e aproveitamento dos alimentos para a produção de carne e leite. Se a vaca não recebe um suplemento adequado de vitamina A, o bezerro ficará carente, apresentando grande susceptibilidade a doenças, principalmente respiratórias e digestivas.

A vitamina D comporta-se como regulador do metabolismo do cálcio e fósforo, sendo necessária para absorção do cálcio. A maior fonte de vitamina D3 para o gado é a pró-vitamina D, presente na pele dos

animais. A ação da luz solar nesta pró-vitamina na pele produz a vitamina D3.

Os fenos secos ao sol são os únicos alimentos que possuem certo teor de vitamina D, assim mesmo bastante variável em função do tipo de fenação. Já o mesmo não ocorre com as silagens ou com fenos desidratados artificialmente, que são muito pobres em vitamina D.

A deficiência da vitamina D provoca o raquitismo nos animais jovens e a osteomalácia nos adultos. Isto pode resultar numa diminuição da taxa de crescimento e no consumo de alimentos, como também num desempenho ósseo anormal. Através de sua influência no metabolismo do cálcio e fósforo, a vitamina D afeta indiretamente a fertilidade.

A vitamina E desempenha inúmeras funções no organismo, principalmente evitando a formação de resíduos tóxicos, protegendo a vitamina A e mantendo a função testicular e a fertilidade das fêmeas. Ela evita ainda a degeneração muscular e a necrose hepática, além de participar da produção de alguns hormônios.

Como ocorre para o caroteno, também os níveis de vitamina E diminuem acentuadamente quando a forragem verde é cortada e conservada.

*Ivo Taubner,  
veterinário da Tortuga.*

### Entenda melhor

**Vitamina A** - É a que exige maiores cuidados na suplementação, sendo sempre necessária na seca, quando as pastagens ficam queimadas pelas geadas e quando há uso de forragens conservadas e sub-produtos agrícolas, do tipo palhadas.

**Vitamina D** - Sua suplementação é quase que obrigatória para bovinos criados em estábulos, caso específico das vacas em lactação, que por serem muito exigentes em cálcio e fósforo, necessitam da vitamina D para a absorção desses dois minerais.

**Vitamina E** - Sua administração é indicada principalmente para animais que recebem forragens conservadas ou forragens grosseiras, ou em situações de deficiência de selênio e quando da suplementação de gorduras na ração de vacas em lactação.

### O desabafo de um técnico

“Lendo a reportagem do Noticiário Tortuga de jan/fev 96 com o título “A derrota da aftosa pelo computador”, podemos constatar várias afirmações atribuídas ao Fundepec no combate a febre aftosa. Como funcionário da Secretaria da Agricultura e Abastecimento há 18 anos, trabalhando nas campanhas de vacinação contra a aftosa na região do Pontal do Paranapanema, gostaríamos de fazer alguns comentários a respeito do assunto.

Reconhecemos que o Fundepec tem prestado apoio logístico aos Serviços de Defesa Agropecuária de todo o Estado.

Tal apoio é inegável, sendo que a informatização das suas atividades através dos computadores instalados pelo Fundepec, foi um passo decisivo na agilização das informações e cadastramento dos pecuaristas com referência à imunização, movimentação de animais, fiscalização de feiras e leilões.

Também temos que reconhecer que tem sido muito importante o apoio do Fundepec com materiais, consertos de veículos, verbas para combustível e divulgação das campanhas nos meios de comunicação.

Mas por uma questão de justiça ao grande contingente de técnicos, auxiliares agropecuários e funcionários administrativos, que há muitos anos vem conscientizando os pecuaristas, gostaríamos de salientar que esse pessoal, muitas vezes trabalhando sob condições desfavoráveis e principalmente com salários defasados (um auxiliar agropecuário com 35 anos de serviços ganha R\$ 260,00), têm assumido suas responsabilidades e trabalhado incessantemente no combate a enfermidade.

Mesmo reconhecendo todo o

apoio do Fundepec, não podemos deixar de creditar a parcela maior do êxito no combate a Febre Aftosa a esse quadro da Secretaria de Agricultura. O Fundepec sem dúvida conseguiu congrega os pecuaristas no combate a enfermidade. Sem dúvida, os computadores e o restante do apoio que o Fundepec tem dispensado às campanhas têm sido muito importante nos altos índices de vacinação obtidos ultimamente.

Porém, no nosso entender o êxito no combate a febre aftosa é fruto da dedicação e esforço do quadro de funcionários da Secretaria da Agricultura, respaldados pelo apoio dos próprios pecuaristas através do Fundepec”.

*Luciano Barcelos Monteiro  
Veterinário, Diretor Técnico SDA  
Presidente Venceslau, SP.*

### Atualização do veterinário

“Solicito a gentileza de envio do excelente exemplar da publicação “Sanidade do gado Leiteiro”, conforme nota no Noticiário Tortuga. Antecipadamente, agradeço a atenção e congratulo-me com o esforço desta empresa em procurar a permanente atualização do médico veterinário com conceituadas publicações”.

*João Ricardo Martins  
Eldorado do Sul, RS*

### Problema resolvido

“Pela primeira vez escrevo aos senhores. Escrevo para parabenizá-los pelos excelentes produtos veterinários que a Tortuga coloca a disposição dos pecuaristas, fazendeiros e criadores em geral. Há algum tempo tivemos um problema de retenção de placenta em uma de nossas vacas e o veterinário indicou o Prolacton da Tortuga.

Ainda não conhecíamos o produto. Lendo a bula, descobrimos as várias utilidades do Prolacton. Pode ser administrado não apenas em vacas, como também em éguas, porcos, ovelhas, cabras, cadelas, gatos e galinhas.

Pouco tempo após a aplicação que fizemos na vaca - a que tinha retenção de placenta - o produto começou a fazer efeito, que por sinal foi melhor que o esperado. Por achar o produto

excelente e de efeito garantido resolvi parabenizá-los”.

*Clovis Mohr  
Santa Cruz do Sul, RS*

### Notícias valiosas

“Sirvo-me do presente para cumprimentar a equipe da redação do Noticiário Tortuga, que divulga notícias de alto valor técnico, abastecendo todo país de informações indispensáveis para impulsionar o desenvolvimento do setor agropecuário. Gostaria também de deixar o meu novo endereço”.

*Oswaldo Marques da Silva  
Goiania, GO*

### Correção

O artigo “Molécula TQ” publicado na edição passada no Noticiário Tortuga cometeu um erro ao incluir a lisina como aminoácido sulfurado.

## Noticiário TORTUGA

*Publicação Bimestral  
Tortuga Cia. Zootécnica Agrária*

### Editor

*João Castanho Dias*

### Circulação

*Francisca Suriano Silva*

### Editoração Gráfica e Arte

*Antonio Carlos Macedo  
Vagner Ricardo Bonato*

### Tiragem

*100 mil exemplares*

### Redação

*Av. Brig. Faria Lima, 1409 - 13º  
e 14º andar - CEP 01451-905  
São Paulo - Fone: 816-6122*



**Administração Central**  
São Paulo - SP

*Av. Brigadeiro Faria Lima, 1409 -  
13º e 14º andar - CEP 01451-905  
Fone: 816-6122 / Fax: 816-6627*

### Anote !

1º Simpósio sobre  
Controle de Parasitas, dias  
29 e 30 de Agosto,  
auditório da CATI, Av.  
Brasil, 2.340 Campinas.

### Informações:

Monica de Carvalho  
Fone/Fax - (019) 241-4954

# Sorrateiramente a IBR instalou-se no rebanho brasileiro

*O mais provável é que a Rinotraqueíte Infecciosa Bovina tenha entrado no país através de animais importados portadores do vírus.*



Pela primeira vez a IBR mereceu um seminário exclusivo no Brasil.

Enquanto os criadores brasileiros combatiam as doenças mais comuns do seu rebanho, tem uma que foi chegando devagarzinho e hoje assumiu graves proporções. É a rinotraqueíte infecciosa bovina, mais conhecida como IBR, da qual poucos têm idéia precisa do que seja. Mas ela está no Brasil desde o começo dos anos 70, entrando provavelmente através de animais importados.

A IBR é uma doença que tem como parente uma outra doença comum no ser humano, que é o herpes. Apesar desses laços familiares, não existe nenhuma relação entre um e outro vírus e a IBR ataca exclusivamente o gado bovino. O agente transmissor da IBR é o herpes, vírus bovino do grupo 1, descoberto pelo pesquisador alemão Rychmer no começo do século.

**Sinais** - Praticamente presente em todos os países do mundo, a IBR manifesta-se nos bovinos através de sinais clínicos genitais e labiais: lesões na vulva e vagina, inflamação da mucosa do pênis, corrimento nasal,

aborto, salivação, micção frequente, febre. O animal não morre e fica com infecções latentes que podem ser transmitidas a todo rebanho.

Como toda doença viral, a IBR não tem cura e a única forma de minimizar os prejuízos é através das vacinações com produtos nacionais e importados. A finalidade exclusiva da vacina é a de evitar os sinais clínicos e o aborto. Os criadores devem procurar um médico veterinário para fazer um diagnóstico do gado e, se for o caso, colher material (placenta, secreções, feto) para análise em laboratórios.

**Letal** - Existe uma forma letal da IBR, a encefalítica, transmitida por outro agente patogênico (herpes vírus bovino grupo 5), que acomete somente o rebanho jovem, até os seis meses de idade. Essa forma está mais difundida no Brasil Central. O animal não consegue andar, apresenta tremores no focinho e morre em poucos dias, sem chances de cura por qualquer tipo de tratamento.

Os pecuaristas podem evitar a IBR

em seu rebanho de duas maneiras: não comprar animais sorologicamente positivos e usar somente sêmen com atestados negativos para o vírus. Atacando gado de corte e de leite, a doença provoca grandes prejuízos nas fazendas, mas cujo impacto econômico é difícil de ser mensurado na opinião de especialistas.

**Mundo** - Segundo eles, o vírus da IBR estaria hoje presente em 90% das propriedades rurais do país e em 50 milhões de bovinos. Uma medida radical para a extinção da IBR seria o rifle sanitário, com o abate de todos os animais contaminados. O único país que seguiu esse caminho foi Suíça, que em 1990 sacrificou 60 mil bovinos

a um custo de 95 milhões de dólares.

Agora a IBR começou a ser atacada de frente, graças a uma ação conjunta do Fundo do Desenvolvimento da Pecuária do Estado de São Paulo (Fundep) e do Instituto Biológico, que promoveram pela primeira vez no país um seminário exclusivo da doença. Realizado na capital paulista em março último, o encontro contou com a presença de 150 técnicos de todo o Brasil.

**Palestras** - O seminário teve palestras dos professores Paulo Rohe, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, de Rudi Weiblen, da Universidade Federal de Santa Maria, RS, e do Dr. Jan Oirschot, da Universidade de Utrecht, da Holanda.

A coordenação esteve a cargo da veterinária Edviges Maristela Pituco, do Instituto Biológico, que com Paulo Rohe e Rudi Weiblen são os maiores especialistas brasileiros da IBR. Os organizadores do seminário entregaram às autoridades competentes um documento contendo recomendações sobre a linha de ação contra a IBR que deve ser posta em prática no Brasil.

# As leis que regem o uso de vermífugos

*Não basta dar apenas vermífugos para o gado. É preciso dá-los de forma correta para que os parasitas sejam atingidos em cheio.*



**A melhor hora da vermifugação: entrada da seca, durante a seca e entrada das águas no rebanho geral.**

Muitas vezes o pecuarista se depara com esta dúvida: diante tantos produtos e tantas marcas de vermífugos, qual deles trará o retorno esperado? A resposta vai depender de uma série de fatores e ele precisa estar consciente de que a eficiência dos vermífugos está diretamente relacionada com certas "leis" que existem na aplicação desses produtos.

Sabe-se que os períodos secos do ano são os mais aconselhados para se dosificar os animais. Nesta época do ano há maior número de vermes dentro dos animais (portanto, são mais suscetíveis aos tratamentos) e poucas larvas no pasto devido a falta de calor e umidade, situações essenciais para que ocorra o desenvolvimento dos ovos e larvas em vermes adultos.

**Favoráveis** - A maioria dos trabalhos experimentais publicados no Brasil e em países de clima semelhante ao nosso, comprova que a relação custo-benefício dos tratamentos anti-helmínticos são favoráveis quando realizados na entrada da seca, durante a seca e entrada das águas, em se tratando de rebanho geral. Assim, não há

necessidade de realizar tratamentos estratégicos nos meses de chuva, pois em termos econômicos e de produtividade animal não haveria benefício, salvo algum surto de verminose gastrointestinal atípico para a época e as verminoses pulmonares.

Entretanto, em diferentes categorias animais como bezerros ao nascer e vacas, o tratamento é necessário e pode fugir das épocas de tratamento estratégico do rebanho geral.

Estudos do Centro Nacional de Pesquisa de Gado de Corte, da Embrapa, Campo Grande, mostram que em 65% do território nacional os meses secos concentram-se em junho,

julho e agosto, diversificando um pouco no sul e nordeste do país. (mapa). Nesta época do ano a disponibilidade de matéria seca é escassa e se houver concorrência do alimento com o parasitismo interno as perdas serão maiores.

**Faixa** - Quanto às categorias animais a serem tratadas, verifica-se pelas pesquisas que a faixa etária mais suscetível à verminose encontra-se entre o desmame e os 30 meses de idade. Acima desta faixa etária os animais adquirem certa resistência ao ataque dos vermes. Entretanto, essa resistência é quebrada por ocasião da gestação, do parto e da lactação devido a menor imunidade da fêmea nesta fase, ocorrendo o mesmo com animais subnutridos, doentes e estressados.

Estimativa feita por Bianchin (1991) diz que 80% das dosificações realizadas no Brasil são mal feitas. A falta de conhecimento no campo faz com que a grande maioria dos tratamentos anti-helmínticos seja efetuada em épocas erradas, em aproveitamentos de manejos, como vacinações. Em categorias animais impróprias e contra parasitas insensíveis à drogas administradas.

Quanto às épocas de vacinação contra a aftosa, nem todos os meses preconizados pelo Ministério da Agricultura, em algumas regiões, coincidem com as épocas de vermifugação estratégica. Em outras palavras, se em um calendário de vacinação há indicação de vacinação em um mês de chuvas, não há

## Muito importante

Não se deve esquecer um cuidado simples e eficiente: ao se introduzirem novos animais em uma propriedade ou levá-los a novos piquetes, é necessário fazer um prévio tratamento anti-helmíntico, com um descanso de no mínimo 4 horas após o tratamento no local de origem.

Esse descanso serve para que os animais defequem fora de seu novo ambiente e não levem ovos de vermes viáveis para a futura pastagem. Com tal estratégia é possível diminuir a médio prazo o índice de infecção na propriedade.

necessidade de se vermifugar nesta época.

**Calendário** - "Milagrosos" tratamentos indiscriminados, muitas vezes feitos a olho, não observando corretos esquemas estratégicos de aplicação de vermífugos, torna excessivo o gasto com estas drogas e não traz benefício algum para o criador. Pior ainda, é ver o mesmo iludido por vendas inescrupulosas de "produtos milagrosos" que resolverão qualquer problema parasitário da sua propriedade sem, entretanto, obter o efeito desejado.

Existe hoje uma conscientização por parte do criador da importância de uma boa alimentação e mineralização do gado. Todavia, permitir que os parasitas internos desviem estes nutrientes para seu próprio benefício, em detrimento da saúde e desenvolvimento do gado, torna inútil todo esforço e dinheiro empregados numa criação.

**Revolução** - Houve nos últimos anos uma revolução no desenvolvimento de drogas anti-helmínticas. O resultado foi a obtenção de produtos de amplo espectro de ação e de baixa toxicidade para os animais. Nunca os criadores tiveram tão ampla variedade de vermífugos à disposição no mercado como hoje, mas adquiri-los e não saber como utilizá-los, de nada adianta.

Produtos à base de Levamisol (Cítec FL) são ainda os mais utilizados no Brasil e no mundo. São drogas muito eficientes no combate à verminose, sendo também as mais baratas. Estas drogas agem eficazmente sobre nematódeos adultos e suas larvas, não tendo atuação sobre os ovos dos vermes.

**Segurança** - A ação do Levamisol tem duração de aproximadamente 48 horas no organismo, ocorrendo sua total eliminação após este período. Na administração injetável, a mais

### Leia a seguir

Na próxima edição do Noticiário Tortuga vamos continuar com este assunto, dando as dicas de uso das três famílias de vermífugos mais usadas. A Tortuga é a única empresa do país que tem essas três famílias em sua linha de produtos, os quais fazem parte de programa de controle de parasitas de alta eficiência e economia.

## O mapa da seca



Idealizado em 1987 pelos pesquisadores Honer e Bianchin, o mapa mostra os meses da seca no Brasil, que têm muito a ver com a época de vermifugação do rebanho. O destaque é o centro-oeste do país, onde concentra-se a maior parte do rebanho brasileiro. Nessa grande região a seca ocorre em junho, julho e agosto (JJA). Já na região sul a seca é muito diversificada devido ao relevo.

utilizada, a dose é de 3,75 mg/kg (na forma cloridrato) de peso corporal. Tal volume apresenta boa margem de segurança e é desprovido de toxicidade. Porém, sintomas passageiros, como salivação e inquietação, podem ser observados ocasionalmente.

Vermífugos orais e ou intraruminais também são amplamente empregados no Brasil. Para este tipo de administração encontramos no mercado produtos à base de drogas benzimidazólicas, como o Albendazole (Albendathor) e Fenbendazole.

Estas drogas apresentam ótima eficácia sobre os principais nematódeos parasitas dos ruminantes, tendo ação sobre as formas adultas, larvares e ovos dos vermes.

**Eliminadas** - Sua ação estende-se também aos cestódeos (tênias) e o albendazole tem ação também sobre a Fasciola hepática. Sem dúvida, estas drogas são as mais completas e seguras no tratamento das verminoses. Sua ação é de aproximadamente 48 horas no organismo, sendo completamente

eliminadas após este período.

Mais recentes no mercado de parasiticidas são as Avermectinas (Altec e Abathor) que, além de controlar a verminose, controlam também os ectoparasitas, como o berne, o carrapato, a sarna etc. Todas estas drogas são produzidas por fermentação, independente de serem originárias dos Estados Unidos, China, Argentina, utilizando como matéria prima o microorganismo *Streptomyces avermitilis*.

**Gorduras** - As Avermectinas são eficazes contra as formas adultas e larvares dos vermes, embora não tenham ação sobre seus ovos.

Entretanto, por serem drogas que se armazenam nas gorduras e no fígado, permanecem mais tempo no organismo, cerca de 20 a 30 dias, combatendo por esse período as novas larvas que venham a ser ingeridas após o tratamento.

# Na fazenda Vale do Boi o solo é sagrado

*No norte de Tocantins tem uma fazenda que cuida da terra com o máximo rigor tecnológico. Tudo para as pastagens suportarem o dobro da lotação convencional.*



Pastagens caprichadas é isso aí: rebanho saudável, bonito e de alta produtividade

A Fazenda Vale do Boi está localizada a 35 km de Araguaina, norte do Estado de Tocantins. Adquirida em 1983 pelo pecuarista Epaminondas de Andrade e seu sócio Renato de Carvalho Gelli, a Vale do Boi tem investido com determinação na aplicação de modernas tecnologias.

Para cuidar da fazenda, onde mora, Epaminondas de Andrade conta com sua esposa e dois de seus filhos, Paulo Henrique e o zootecnista Ricardo José. Eles administram 5.500 hectares, divididos em mais de 160 pastos, os quais estão formados com as gramíneas, colômbio, tanzânia, brachiário, tangola, tifton e as leguminosas puerária e o calopogônio.

**Monocultura** - Esta variedade de forragens faz parte do pensamento dos administradores da fazenda para não torná-la uma monocultura de capim, facilitando dessa forma o manejo dos bezerros e da tropa de cria e de serviço (equinos e muare). A formação e manutenção das pastagens é um constante desafio para a fazenda, que recebe adubações e correções regulares do solo. Com este trabalho a Vale do Boi quer aumentar seu suporte que atualmente é de 8 mil cabeças, sendo a maior parte de recria e engorda.

O rebanho de cria vem se destacando como um dos melhores do Estado de Tocantins, sendo a

produção de machos na maioria destinada para o mercado de touros com idade de dois anos. São 1.100 vacas nelore "cara limpa" e 350 vacas nelore PO, estas inseminadas com sêmen dos melhores touros das centrais. O objetivo com o rebanho de cria é atingir a auto-suficiência na reposição da fazenda, evitando assim possíveis doenças e diminuindo a idade de abate.

**Mineral** - O cruzamento industrial tem sido feito de forma experimental, mas os primeiros resultados já mostram-se satisfatórios com raças simental e limousin. As fêmeas F1 com idade de 15 a 16 meses tem entrado em reprodução com peso de 300 kg e os machos foram abatidos aos 27 meses, com peso acima de 18 arrobas, com rendimento de carcaça de 53,4%. Todos em regime de pasto no brachiário e mineralizados com Fosbovi 20.

A Vale do Boi avalia que estes resultados foram possíveis não só pela heterose, mas também pelo potencial de suas matrizes nelore, que sofrem criteriosa seleção para peso, fertilidade e habilidade materna, sem deixar de lado os padrões raciais e conformação.

**Descarte** - O peso médio à desmama do ano passado foi de 176,4 kg para machos e 160,4 kg para fêmeas aos sete meses. Os machos para fazerem parte da reserva da fazenda devem pesar no mínimo 190 kg. As

novilhas nelore tem entrado na estação de monta com 280 a 300 kg entre 20 e 24 meses e as vacas vazias ou que desmamam bezerros leves são automaticamente descartadas.

Cliente da Tortuga há mais de vinte anos, Epaminondas de Andrade, 59 anos, mineiro de Uberaba, não abre mão da tecnologia. Utilizando Fosbovi 20 com bons resultados, a Vale do Boi experimentou Nutriprima na última estação seca, obtendo ganhos de até 36 kg em 90 dias (julho a setembro) para bezerros e bezerras desmamados.

**Visitas** - Criador líder na região e recebendo em sua fazenda constantes visitas de pecuaristas e técnicos, Epaminondas de Andrade adotou os procedimentos abaixo para ter seu rebanho sob eficiente controle zootécnico:

- Todos os produtos nascidos na fazenda são tatuados com numeração sequencial de nascimento, carimbados com mês e ano na paleta esquerda, marcados e pesados à desmama;

- Os produtos do rebanho nelore PO fazem parte do controle de desenvolvimento ponderal da ABCZ, sendo pesados de 3 em 3 meses até os 21 meses de idade.



Epaminondas de Andrade e seus filhos quebraram a tradição de pasto com um só capim

# Tortuga ganha prêmio publicitário

A IX Mostra Brasileira de Propaganda Rural foi disputada por 128 trabalhos



A equipe que criou a peça gráfica para os "Faxineiros do rebanho"

Cerca de 450 pessoas participaram do evento no Moinho Santo Antonio, na capital paulista.

O diploma foi recebido por Guido Gatta, Diretor de Marketing da Tortuga, e João Castanho Dias, Gerente de Comunicação, das mãos de Sérgio Jardim, Delegado do Ministério da Agricultura em São Paulo.

A peça vencedora teve também o trabalho de Antonio Carlos Macedo "Pantcho" (editoração eletrônica), Vagner Ricardo Bonato (ilustração e editoração) e Walter Simões (fotografia).

Os trabalhos foram julgados por uma comissão de representantes de 21 instituições do setor rural e publicitário, como a Confederação Nacional de Agricultura, Escola Superior de Propaganda e Marketing, Associação Brasileira de Agribusiness, Sindicato dos Pecuáristas de Gado de Corte, Associação Brasileira de Anunciantes, Ministério da Agricultura, Clube de Criação e outras.

O folheto "A Tortuga chegou aonde você queria", desenvolvido para o lançamento dos endectocidas Altec e Abathor (Os faxineiros do rebanho), ganhou Diploma de Bronze na categoria peça gráfica na IX Mostra Brasileira de Propaganda Rural, promovida pela Associação

Brasileira de Marketing Rural. Disputaram o concurso 90 empresas e 128 trabalhos de oito categorias.

A solenidade de premiação aconteceu no dia 21 de maio último e contou com o então Secretário da Agricultura de São Paulo, Antonio Cabrera, como convidado especial.

## PREÇO DO BOI GORDO

Dólares por arroba

	1986	1987	1988	1989	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996
JAN	18.94	28.81	14.22	19.84	31.02	19.78	21.84	23.59	25.69	30.72	21.56
FEV	16.61	24.84	15.36	20.00	29.02	18.05	19.04	22.06	27.10	29.77	22.43
MAR	15.17	18.19	18.67	23.00	23.81	19.48	17.81	22.15	27.19	26.99	21.81
ABR	15.54	27.45	16.02	24.65	20.90	17.81	21.86	23.96	24.18	25.89	22.22
MAI	15.54	19.37	13.22	31.83	23.99	17.59	19.11	21.66	20.84	23.98	21.11
JUN	17.34	19.01	21.26	41.42	31.56	19.46	18.06	20.84	24.78	23.00	
JUL	20.23	18.91	23.09	28.99	35.57	22.76	18.87	23.94	25.16	26.91	
AGO	26.73	20.17	22.37	33.19	33.44	25.03	22.52	29.05	26.67	25.48	
SET	20.23	20.07	24.66	27.77	35.67	25.42	23.99	28.08	28.85	25.19	
OUT	24.13	23.44	23.00	24.52	29.48	30.77	23.64	27.81	37.82	26.06	
NOV	31.90	22.78	28.43	25.81	20.61	24.33	21.67	26.36	37.95	25.96	
DEZ	41.13	17.65	25.23	24.33	16.67	20.84	23.04	28.86	33.21	21.69	

Nota: Os preços, tirados da média ponderada do câmbio oficial, são os pagos pelos frigoríficos no prazo de 20 dias.

# Criar suínos deve ser um bom negócio!

*Laurindo Affonso Hackenhaar*  
Gerente do Departamento de Suínos da Tortuga

Assim pensa o consumidor. Quando ele vai às compras, não resiste a tentação de levar um salame ou mesmo umas bistequinhas. Para não se assustar, até evita olhar os preços.

Nessa hora ele imagina que o suinocultor deve estar nadando em dinheiro, pois a carne de porco está custando bem mais cara que a do frango.

Certamente ele ficaria indignado se soubesse que o varejista, de quem ele compra, é o maior beneficiário dessa história e que o suinocultor está amargando enorme prejuízo nos últimos meses. Mesmo nas melhores situações, na hora de repartir o bolo ele fica com a menor parte. No último semestre, nem as migalhas estão sobrando.

Esta situação é ainda mais revoltante quando certos setores continuam desfrutando de enormes margens num período onde toda a economia está passando por ajustes e com inflação baixa.

Para que as coisas não fiquem só em afirmações vagas, vamos nos valer de um trabalho de pesquisa de preços feita para medir a diferença entre o que os comerciantes pagam às agroindústrias (frigoríficos) e o que os consumidores pagam pelos mesmos produtos. Esta diferença é representado percentualmente, sendo chamada de Mark-up.

Esta pesquisa teve a chancela da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e realizada pelos professores Paulo Alexandre Spohr, Valmor Marchetti e Ernani João Rohr. Ela é bastante abrangente, mas vamos nos restringir às margens de comercialização encontradas no comércio varejista da Grande Porto Alegre durante 12 meses.

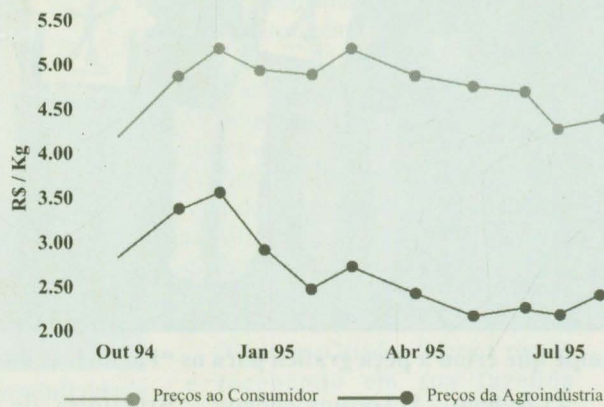
Foram pesquisados 19 derivados cujas conclusões estão resumidas nos quadros. Não é admissível que os comerciantes tenham necessidade de repassar estes produtos com margens tão altas de 70 a 90 %, quando em produtos similares se contentam com 15 a 20%. Esta situação exaure e empobrece a base do setor.

Felizmente hoje a agroindústria também já se deu conta do problema e está preocupada em repensar a atividade. Na semana passada em viagem de trabalho no Rio Grande do Sul vivenciei um fato que mostra esta tomada de consciência.

Um diretor do frigorífico estava negociando a venda de salame Italiano a R\$ 6,00 o kg. Durante as negociações ficou sabendo que este produto seria vendido por R\$ 13,00 o kg. Ele suspendeu imediatamente a venda, pois não aceitava que alguém devesse ganhar mais de 100 % em cima do seu produto.

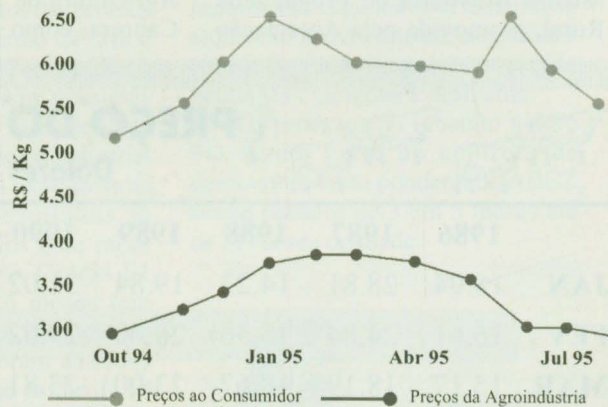
A imagem dos derivados de carne suína certamente também melhorariam se todos trabalhassem com margens civilizadas.

Preço médio da costela, pernil, paleta e lombinho: venda da agroindústria e para o consumidor - Out/94 a Set/95



Fonte: URGS - IEPE

Preço médio dos embutidos: venda da agroindústria e compra do consumidor, Out/94 a Set/95



Fonte: URGS - IEPE

Preços Médios de Venda da Agroindústria e do Varejo de Produtos Suínos - Out/94 a Set/95.

Sub-Grupo de produtos Suínos	Agroindústria R\$ / Kg	Consumidor R\$ / Kg	Mark-up do Varejo em %
Carnes (cortes)	2,79	4,67	67,38
Embutidos	3,34	5,90	76,65
Outros produtos	2,21	4,28	93,67

Fonte: URGS - IEPE